

A Alegria do Amor



Entre outubro 2014 e outubro 2015, o sínodo dos bispos refletiu sobre as problemáticas que as famílias atravessam e sobre a sua vocação e missão no mundo. É comum que o Papa, colhidas as conclusões dos participantes sinodais, reflita, reze e redija um documento com as suas conclusões e orientações. Este documento tem o nome de **exortação apostólica pós-sinodal**.

Rui Lourenço Teixeira | Equipa Pedagógica Educação para os Valores | ep.educacaovalores@escutismo.pt | Fotos: Ricardo Perna



AMORIS LÆTITIA, A Alegria do Amor, é o mote deste longo documento redigido pelo Papa Francisco e publicado a 19 de março. Desenvolve-se ao longo de 10 partes. A extensão não é comum nos documentos deste Papa, geralmente bastante conciso. O próprio Papa recomenda uma leitura vagarosa e reflexiva do texto, afirmando que «devido à riqueza que os dois anos de reflexão do caminho sinodal ofereceram, esta exortação aborda [...] variados temas. Isto explica a sua inevitável extensão. Por isso, não aconselho uma leitura geral apressada.» Apesar da sua extensão, o texto lê-se com facilidade e mostra-nos quão bem o Papa escreve sobre temas que lhe são caros, e deixa neles o seu cunho pessoal. Apoiar-se sempre na Sagrada Escritura, por exemplo do Salmo 128, de onde retira inspiração.

Embora de teor pastoral, a exortação resume a doutrina da Igreja neste campo. Relativamente ao Matrimónio enquanto vocação, sublinha a sua indissolubilidade e sacramentalidade. Escreve Francisco: «O matrimónio e a família recebem de Cristo, através da Igreja, a graça necessária para testemunhar o amor de Deus e viver a vida de comunhão. O Evangelho da família atravessa a história do mundo desde a criação do homem à imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,26-27) até à realização do mistério da Aliança em Cristo no fim dos séculos com as núpcias do Cordeiro (cf. Ap 19,9).» O Papa reitera que o «**matrimónio é uma**



Numa das partes mais belas deste longo texto, o Papa utiliza o Hino da Caridade da Carta de Paulo aos Coríntios [1Cor 13,4-7] para explicitar a importância do amor que está subjacente ao matrimónio.

vocação» e que «por isso, a decisão de se casar e formar uma família deve ser fruto de um discernimento vocacional». Recorda, aliás, que muito embora tenham existido variações ao longo do tempo e diferenças conforme os ritos, os noivos são os ministros do sacramento do matrimónio.

Numa das partes mais belas deste longo texto, o Papa utiliza o Hino da Caridade da Carta de Paulo aos Coríntios (1Cor 13,4-7) para explicitar a importância do amor que está subjacente ao matrimónio. Um amor que é paciente, que está ao serviço do outro, que põe de parte a inveja e o ciúme, o orgulho e a arrogância, amável e focado nas necessidades do outro, pacífico, pacificador, misericordioso – é esse o amor que Deus propõe no matrimónio e na família.

Encontramos também desenvolvidas as orientações papais para o acompanhamento e para a formação dos que aspiram ao matrimónio. O **noivado deve ser bem vivido e com o tempo necessário** para que os noivos não se fiquem pelo cansaço da preparação de uma festa mas coloquem as suas forças naquilo que é o essencial. Os cursos breves não são suficientes para formar alguém para o matrimónio. **É preciso encontrar modos de formar os noivos** e de os ajudar a compreender toda a riqueza do sacramento que vão ministrar/receber, deixando claro que aquele dia não é um fim em si mesmo, mas uma etapa de uma vida a dois, tendo Deus no centro. Escreve Francisco: «Não seria

bom chegarem ao matrimónio sem ter rezado juntos, um pelo outro, pedindo ajuda a Deus para serem fiéis e generosos, perguntando juntos a Deus o que espera deles.» Por fim, o Papa dedica-se a dar algumas orientações para o acompanhamento dos casais separados, e até dos recasados, sublinhando que essas «situações exigem um atento discernimento e um acompanhamento com grande respeito [...] promovendo a sua participação na vida da comunidade».

Ao longo de todo o texto, o Papa analisa as mais diversas situações que podem ocorrer nos casos de rutura matrimonial e familiar, não esquecendo o sofrimento que estas carregam. Reafirma que «a rutura do vínculo matrimonial é contra a vontade de Deus», mas recorda que o caminho é **a missão da Igreja, não é condenar mas antes «derramar a misericórdia de Deus sobre todas as pessoas que a pedem com coração sincero»**. Lembra ainda que «não se devia esperar do sínodo ou desta exortação uma nova normativa geral de tipo canónico, aplicável a todos os casos». Contudo, encoraja os cristãos «a um responsável discernimento pastoral dos casos particulares».

Para concluir, há uma chave que atravessa toda a exortação. A Igreja não deve nunca deixar de propor o pleno ideal do matrimónio e do projeto de Deus para o Homem e para a Família; ao mesmo tempo que não se pode esquecer de apoiar e de acompanhar aqueles que vivem em condições de dificuldade e de fragilidade. É necessário compreender que somos todos peregrinos e que ainda não alcançámos a plenitude a que Deus nos chama e que só encontraremos no Reino definitivo. Em cada caso particular é **preciso ver com os olhos de Cristo, amar com o coração de Cristo, exercitar uma “lógica da misericórdia pastoral”,** a fim de cumprir esta missão tão exigente.

Convidamos cada Dirigente a refletir nesta temática e acolhê-la no âmbito do Ano Santo da Misericórdia. Que esta iniciativa ajude o nosso encontro pessoal com Aquele cujo nome e cujo rosto é Misericórdia.

